

**Práticas sensíveis e participativas na formação em arquitetura
da paisagem**
**Experiências pedagógicas do projeto “O bosque é nosso!” no IFSP campus
São Paulo**

SESSÃO TEMÁTICA 5: PROCESSOS FORMATIVOS SOBRE A PAISAGEM

Fernanda da Mota Maia
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
E-mail: f.maia@aluno.ifsp.edu.br
Isabel Dutra Carvalho
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
E-mail: i.carvalho@aluno.ifsp.edu.br
Aline Silva Santos
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
E-mail: aline.santos@ifsp.edu.br
Ana Carolina Carmona Ribeiro
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
E-mail: ana.carmona@ifsp.edu.br

RESUMO

O artigo analisa o processo do projeto de ensino “O bosque é nosso!”, surgido de um movimento coletivo em defesa do bosque do IFSP Campus São Paulo, espaço livre verdejado historicamente utilizado pela comunidade escolar. Ao longo do percurso, estudos ambientais, levantamentos técnicos, observações in loco e exercícios de leitura da paisagem possibilitaram compreender mais profundamente as dinâmicas ecológicas do espaço e seu papel no campus. As atividades realizadas, como oficinas, visitas, pesquisas e apresentações, favoreceram a articulação entre prática, investigação e reflexão, aproximando os estudantes de procedimentos fundamentais ao projeto da paisagem. O bosque, antes degradado, converteu-se em suporte para o desenvolvimento de habilidades interpretativas e projetuais, evidenciando a relevância do contato direto com o território no ensino, demonstrando que o envolvimento da comunidade acadêmica foi importante para assegurar sua preservação e restituir condições de uso, reafirmando-o como bem comum e infraestrutura ambiental. O espaço funcionou como um verdadeiro laboratório vivo, favorecendo o desenvolvimento de competências técnicas, interpretativas e ambientais, além de estimular uma compreensão crítica da paisagem, demonstrando a capacidade de projetos desse tipo de fortalecer a formação em arquitetura da paisagem e de sustentar formas mais sensíveis e responsáveis de gestão dos espaços livres urbanos.

PALAVRAS-CHAVE: paisagismo; bosque; processos formativos; projeto de ensino.

ABSTRACT

The article analyzes the development process of the teaching project *O bosque é nosso!* (The woodland is ours), which emerged from a collective movement in defense of the wooded open space located on the IFSP São Paulo Campus, historically used by the school community. Throughout this process, environmental studies, technical surveys, on-site observations, and landscape-reading exercises made it possible to gain a deeper understanding of the ecological dynamics of the area and its role within the campus. The activities carried out —such as workshops, visits, research, and presentations— supported the articulation between practice, investigation, and reflection, bringing



students closer to fundamental procedures of landscape design. The woodland, once degraded, became a platform for developing interpretive and design skills, highlighting the relevance of direct contact with the territory in teaching and demonstrating that the involvement of the academic community was essential to ensure its preservation and restore appropriate conditions of use, reaffirming it as a common good and environmental infrastructure. The space functioned as a true living laboratory, fostering the development of technical, interpretive, and environmental competencies, while encouraging a critical understanding of the landscape and demonstrating the capacity of such projects to strengthen education in landscape architecture and support more sensitive and responsible forms of managing urban open spaces.

KEYWORDS: landscape architecture; woodland; formative processes; teaching project.

1 INTRODUÇÃO

A articulação entre paisagem, educação e participação comunitária tem adquirido crescente relevância nos debates contemporâneos sobre o papel dos espaços livres urbanos, especialmente no contexto de resolução das problemáticas ambientais. Espaços como praças, bosques e pátios escolares podem ser planejados para atuar como territórios pedagógicos, ambientes de convívio e potentes instrumentos de formação cidadã (Standerski, 2007), além de auxiliarem na manutenção de ecossistemas urbanos. Desse modo, os processos de construção da paisagem têm sido cada vez mais convocados a articular e aproximar as práticas de projeto ao cotidiano, no intuito de solucionar as questões climáticas e ambientais presentes no dia a dia. Para isso, se faz necessário um ensino de arquitetura capaz de proporcionar aos futuros arquitetos paisagistas a habilidade de compreender a potência dos espaços residuais e fragmentos presentes no meio urbano e das paisagens populares para seus moradores e para os processos de resistência e mudança, muito mais do que lembrar problemas e carências dos territórios, principalmente os mais vulneráveis (Queiroga *et al.*, p. 2, 2025).

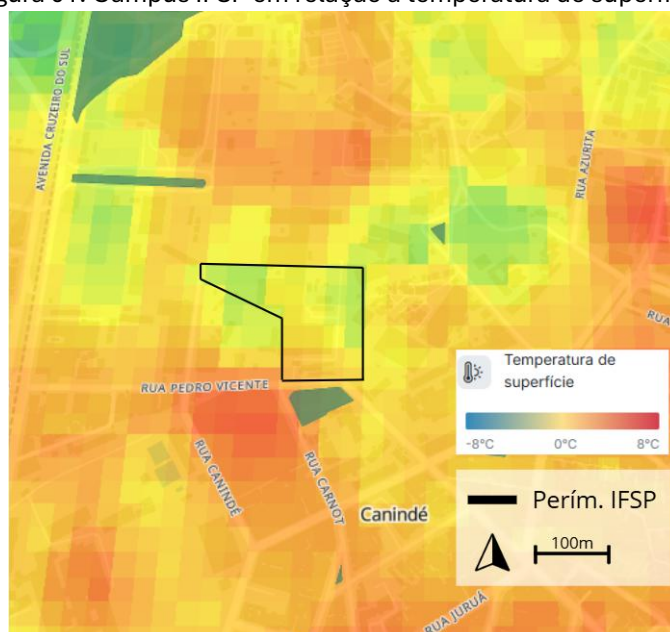
O primeiro passo para solucionar os conflitos climáticos, é reconhecer e compreender os processos estruturais que contribuem diretamente com a degradação ambiental, cuja exposição às suas consequências é desigual e deixada para os territórios mais populares enfrentarem. Pensando nisso, precisamos compreender a importância de um ensino que capacite os profissionais responsáveis pela concepção de espaços, especialmente públicos, a garantir a qualificação das cidades sem negligenciar demandas socioambientais e culturais, ou seja, através do ensino de uso do paisagismo crítico como instrumento de qualificação de territórios.

É nesse campo de debates que se insere o presente artigo, cujo objetivo é apresentar uma reflexão acerca do projeto de ensino “O bosque é nosso!”, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) *campus* São Paulo, como parte importante na formação dos discentes envolvidos. Busca-se compreender de que maneira as ações trabalhadas ao longo do desenvolvimento desta iniciativa contribuíram para ampliar a visão crítica dos estudantes acerca do projeto de arquitetura da paisagem, articulando dimensões ambientais, sociais e culturais.

2 O BOSQUE É NOSSO!: PRÁTICA COLETIVA E PARTICIPATIVA COMO PARTE IMPORTANTE DA FORMAÇÃO DE ARQUITETOS PAISAGISTAS

O bosque do IFSP Campus São Paulo configura-se como um espaço de valor ambiental inestimável, como demonstram dados mapeados pela plataforma UrbVerde (figura 01). Esta área é uma das poucas com significativa cobertura vegetal no bairro do Pari, no centro de São Paulo, e apresenta menores temperaturas de superfície em relação às ilhas de calor presentes no bairro. Além disso, o terreno do Instituto está localizado na antiga área de várzea dos rios Tietê e Tamanduateí (figura 02), hoje completamente adensada e com solo impermeabilizado, sendo uma região suscetível a alagamentos (figura 03).

Figura 01: Campus IFSP em relação à temperatura de superfície.



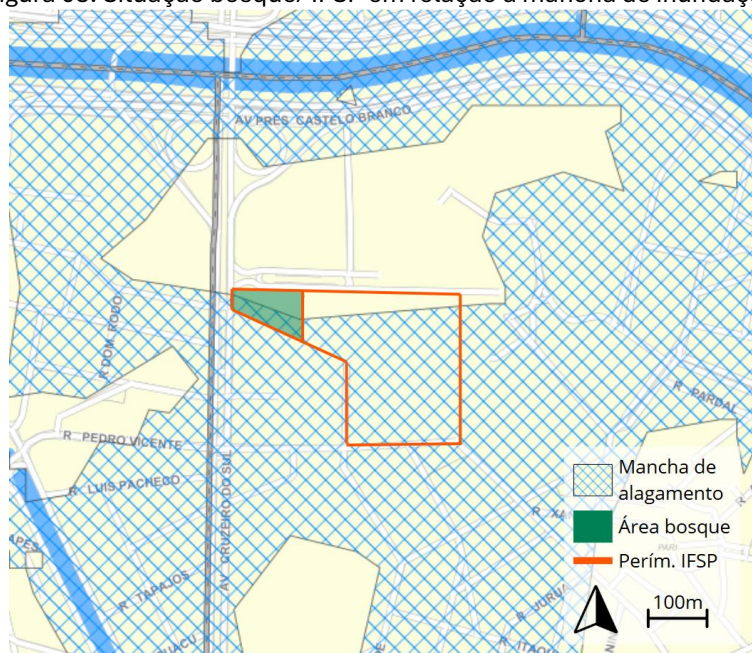
Fonte: UrbVerde, 2021

Figura 02: Vista aérea da região do Pari/Canindé em 1958.



Fonte: Geoportal.

Figura 03: Situação bosque/ IFSP em relação à mancha de inundação.



Fonte: GeoSampa.

Apesar de ter sido usado desde meados dos anos 1980 pela comunidade escolar (Barros; Carmona-Ribeiro, 2024), o bosque enfrentou, entre 2022 e 2024, um quadro de degradação, decorrente da negligência por parte da gestão do *Campus*, com problemas como falta de manutenção, ausência de manejo arbóreo e queda de árvores, deterioração dos equipamentos e instalações voltados ao lazer construídos de forma espontânea pelos

usuários – espaço de churrasco, forno de pizza, e mesas de piquenique –, além da limitação de acesso à área, resultando em sua progressiva invisibilização.

Assim, em 2024, nasce o movimento coletivo espontâneo “*O bosque é nosso!*” que, por meio de ações de limpeza (figura 04), observação da fauna e flora, oficinas de pintura de painéis informativos, coleta e registros da memória coletiva associada ao lugar, constituiu uma resposta da comunidade escolar ao cenário de abandono do espaço. Após meses de mobilização, a partir da movimentação iniciada, foi proposto um projeto de ensino para o desenvolvimento de um projeto paisagístico participativo para o bosque. Posteriormente, com a mudança da gestão do campus e verba advinda de emenda parlamentar, este recebe apoio e adquire um caráter institucional, envolvendo uma equipe formada por docentes, estudantes de cursos de graduação do IFSP e arquitetas urbanistas para apoio técnico. Pontua-se que o grupo de estudantes era formado majoritariamente por graduandos do curso de Arquitetura e Urbanismo, entretanto, havia também alunos dos cursos de graduação em Matemática e Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas

Figura 04: Alunos e servidores do IFSP em mutirão de limpeza no bosque (jul/2024).



Fonte: Acervo do projeto de ensino O bosque é nosso!.

Fundamentada em reflexões sobre participação e paisagem, alinhada às discussões contemporâneas que evidenciam o papel dos ambientes naturais no bem-estar e no pertencimento (Standerski, 2007), a discussão do presente artigo apresenta o processo do projeto “*O bosque é nosso!*” entre nov/2024 e dez/2025, essencial para a formação dos discentes envolvidos como futuros arquitetos paisagistas mais aptos aos desafios da contemporaneidade, bem como evidencia a importância da aproximação entre os cursos de graduação com desenvolvimentos de projetos como o trabalhado neste artigo. Ressalta-se ainda que o projeto não está finalizado e encontra-se em andamento, atualmente na fase de sintetização de resultados para desenvolvimento de diretrizes e programas de projeto paisagístico para o local.



Acredita-se que as atividades realizadas ao longo do período supracitado contribuíram decisivamente para a construção de uma visão ampliada e crítica do projeto da paisagem entre os estudantes, ao estimular a capacidade de articular conceitos ambientais no cotidiano institucional e reconhecer as dimensões biofísicas e socioespaciais que estruturam o espaço do bosque, bem como o próprio *campus* do IFSP. Além da visão crítica, os alunos tiveram contato com atividades alternativas que muitas vezes são introduzidas de forma conceitual durante a graduação, como projeto hidráulico de banheiro ecológico.

Ao compreender o projeto paisagístico como exercício de leitura crítica do espaço, os participantes foram introduzidos a práticas fundamentais da arquitetura da paisagem, tais como interpretação de dados geoespaciais, análise dos sistemas ambientais, leitura das dinâmicas sociais que produzem e modificam a paisagem, indispensáveis para o planejamento da paisagem (Pronsato, 2005). O andamento do projeto possibilitou aos estudantes perceber que propor diretrizes para o bosque não se restringia a uma tarefa projetual tradicional, mas envolvia situar-se em um território concreto, identificar seus conflitos e potencialidades e reconhecer a paisagem como construção coletiva de acordo com as necessidades do público que o frequenta. Assim, as atividades funcionaram como instrumentos pedagógicos que desenvolveram pensamento crítico e sensibilidade territorial.

Esse desenvolvimento intelectual e sensível foi aprofundado pelas próprias etapas do processo participativo prévio ao desenho do projeto, onde os estudantes puderam compreender as relações entre usos cotidianos, apropriações comunitárias, infraestrutura, dinâmicas ecológicas, carências estruturais e necessidades dos espaços escolares. Assim, o conjunto de atividades ao longo desse processo funcionou como laboratório territorial no qual se exercitou a compreensão da paisagem como indissociável da relação humano-mundo (Lima *et al.*, 2017), qualificando o olhar técnico e crítico necessário para fundamentar proposições projetuais mais sensíveis e contextualizadas (Pronsato, 2005).

3 BOSQUE NA PRÁTICA

A trajetória do projeto paisagístico em andamento para o bosque exigiu uma série de atividades de diferentes áreas, além daquelas voltadas ao processo participativo, direcionadas por professoras arquitetas paisagistas, responsáveis pelo projeto de ensino. Paralelamente às atividades de projeto, foram necessárias reuniões com a direção do IFSP para articular as ações do projeto de ensino às questões institucionais, que colocaram os estudantes em contato com rotinas de licitação e documentação pública, ampliando a compreensão sobre os processos socioinstitucionais que influenciam o projeto paisagístico de espaços institucionais públicos.

Além disso, foram realizados encontros internos dedicados à ampliação de repertório teórico, nos quais os alunos estudaram metodologias de processos participativos, além de temáticas sobre agroecologia e permacultura, que introduziram conceitos ligados à produção sustentável, além de estudos sobre obras de paisagistas naturalistas. A partir disso, os participantes produziram e disseminaram um formulário destinado a captar

percepções da comunidade acadêmica sobre os espaços verdes e de permanência do campus, cujo mapeamento revelou carência de espaços verdes de descanso, lazer e bem-estar emocional por parte dos estudantes e funcionários do Instituto. Esta consulta à comunidade escolar teve participação de funcionários – dentre docentes e técnicos administrativos – e discentes de maneira expressiva, de modo que foi crucial para o desenrolar da pesquisa no sentido de orientar as ações a serem executadas previamente ao desenho do projeto paisagístico do bosque.

Foram analisados estudos de caso, buscando compreender mais concretamente como se desenvolvem projetos paisagísticos com abordagem participativa e, nesse sentido, foram analisadas a escola EMEF Professora Philó Gonçalves dos Santos, no bairro de Perus, em São Paulo, e o projeto Uma Fruta no Quintal, implementado no município de Diadema. Estes estudos, por suas características e contextos, proporcionaram diferentes reflexões: a EMEF situa-se em uma região periférica paulistana com fragilidades ambientais; enquanto a iniciativa em Diadema consistiu em uma ação em múltiplas escolas públicas, que visou mitigar a deficiência de espaços verdes públicos em decorrência do grande volume e adensamento de edificações, além de promover práticas de educação ambiental.

Ressalta-se ainda que foi realizada uma visita à EMEF Philó pelos estudantes do projeto O Bosque é Nosso! acompanhados de uma das docentes. Esta, foi guiada pelos estudantes da EMEF e criou-se então um intercâmbio promissor entre as instituições: poucos meses após essa ação, os estudantes do ensino fundamental 2 e professores da EMEF Philó Gonçalves dos Santos também realizaram uma visita ao *campus* São Paulo do IFSP. A visita teve como objetivos principais a apresentação de diferentes contextos urbanos e escolares nos quais se desenvolvem projetos participativos, além de estimular a reflexão sobre como demandas e finalidades dos processos participativos variam conforme o território, contexto socioambiental, cultural e econômico, visto que são fatores importantes de serem considerados durante a elaboração de programas, planos e projetos mais adequados às paisagens trabalhadas (Queiroga *et al.*, 2025). Foi promovida ainda uma incursão ao bosque com a realização de oficina de estampas a partir da coleta de folhas do local (figura 05).

Figura 05: Alunos da EMEF Professora Philó produzindo estampas com vegetação coletada na área do bosque (17/09/2025).



Fonte: Acervo do projeto de ensino O bosque é nosso!.

Todo esse percurso fundamentou a organização de futuras oficinas participativas, dentre outras atividades ao longo do segundo semestre de 2025. Estas, tiveram diferentes perfis e caráteres, envolvendo docentes, técnicos administrativos e discentes. Foram planejadas com base na bibliografia estudada e orientadas a fortalecer vínculos afetivos com o bosque, propor usos diversificados do espaço – estudo, descanso e lazer – e divulgar sua relevância ambiental em uma região de adensamento urbano. As oficinas também auxiliaram na identificação de problemas de infraestrutura do espaço, como limpeza, distribuição de água e energia elétrica, incluindo pontos de tomada e iluminação.

Além das discussões conceituais, as oficinas participativas e o projeto proporcionaram experiências práticas fundamentais para o aprendizado técnico dos estudantes no campo da arquitetura da paisagem. Exemplo dessa aplicação prática ocorreu durante a oficina aberta dedicada ao desenvolvimento de mobiliários para o bosque, que estimulou o exercício da composição espacial, considerando ergonomia e materiais (figura 06).

Figura 06: Alunos e servidores criando maquetes de mobiliários para o bosque (26/09/2025).



Fonte: Acervo do projeto de ensino “O bosque é nosso!”

Este conjunto de ações culminaram ainda com cerimônia de (re)abertura simbólica do Bosque em outubro de 2025, que consistiu em uma celebração festiva mostrando possibilidades de uso e o desejo da comunidade escolar em resgatar e se apropriar daquele espaço (figuras 07 e 08). Apesar de o bosque ainda carecer de infraestruturas básicas, como abastecimento de água, energia elétrica, iluminação e banheiros, sobretudo em razão do período de abandono ao qual foi submetido, é fundamental ressaltar a importância de mantê-lo aberto e em uso contínuo, visto que espaços restritos

ou pouco frequentados tendem a se degradar, enquanto a presença constante da comunidade aumenta a pressão por melhorias e favorece a manutenção regular local.

Figura 07: Dia de abertura do Bosque (03/10/2025)



Fonte: Acervo do projeto de ensino “O bosque é nosso!”

Figura 08: Dia de abertura do Bosque (03/10/2025)



Fonte: Acervo do projeto de ensino “O bosque é nosso!”

Simultaneamente às oficinas e demais ações para sensibilização, foram realizados levantamentos no espaço do bosque, de modo a proporcionar bases adequadas para o projeto paisagístico. Primeiramente, houve um levantamento topográfico conduzido por docente do IFSP. Nesse sentido, pode-se ver na prática a realização dessa atividade, realizar a compatibilização e conferência de bases cartográficas.



Foi possível também a contratação de serviço de levantamento cadastral arbóreo e fitossanitário das árvores do bosque por engenheiro agrônomo e biólogo. Assim, houve a oportunidade de acompanhar a atuação desses profissionais e sua importância para o trabalho em conjunto com os profissionais de arquitetura da paisagem. Aliou-se a isso, um levantamento da vegetação herbácea e arbustiva realizado pelas docentes e estudantes.

Ademais, houve reflexões sobre a interface espaço livre e construído a partir das edificações existentes no bosque: área de churrasqueira coberta, edificação multiuso e banheiro. Delineou-se e submeteu-se um formulário para consulta à comunidade escolar sobre desejos e perspectivas para o edifício multiuso. Também foi contratada empresa para realização de as-built das edificações, além do desenvolvimento de um memorial para possível reforma posterior. Realizou-se ainda estudos projetuais para intervenções no bosque a partir de soluções baseadas na natureza, como jardins filtrantes para o tratamento de efluentes do banheiro existente no local. Isso exigiu o estudo no desenvolvimento de soluções hidráulicas e elaboração de desenhos técnicos.

Vale ressaltar a importância do contato dos estudantes com essas atividades durante a formação acadêmica, já que nem sempre são atividades possíveis de ser abordadas de modo aprofundado durante o período de graduação em arquitetura e urbanismo. Como já apontado anteriormente, o projeto está em andamento e o próximo passo será, em 2026, a partir das informações levantadas, desenvolver um projeto paisagístico para o bosque.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência adquirida pelo projeto de ensino “O bosque é nosso!” permite observar como os processos participativos constituem instrumentos metodológicos fundamentais para a formação em arquitetura da paisagem, ao promover a integração entre prática acadêmica, engajamento comunitário e leitura crítica do território. A atuação conjunta de estudantes e servidores na defesa e requalificação do bosque demonstrou que a participação social, quando estruturada como prática pedagógica, é capaz de ampliar repertórios formativos e fomentar a corresponsabilidade no cuidado com os espaços livres, criando um sentimento de pertencimento ao local.

A mobilização empreendida diante da proposta de destinação do bosque para uso não condizente com seu valor socioambiental revelou a capacidade da comunidade de incidir de forma legítima e eficaz sobre processos administrativos que impactam diretamente a paisagem do campus. Tal dinâmica não apenas reafirmou o direito coletivo ao espaço, mas também evidenciou a importância de se reconhecer áreas verdes como infraestruturas ambientais estratégicas, imprescindíveis à mitigação de ilhas de calor, à promoção do bem-estar e à manutenção da qualidade ambiental no contexto urbano.

As atividades desenvolvidas proporcionaram experiências formativas ancoradas no reconhecimento do espaço como bem comum e na compreensão de que sua preservação depende da articulação contínua entre comunidade e instituição. Da mesma forma, o contato com o estudo de caso contribuiu para um intercâmbio de aprendizados, onde projetos em fases diferentes demonstraram diferentes problemáticas e conquistas, mas com um mesmo entusiasmo.



Desse modo, o projeto “O bosque é nosso!” configura um aprendizado exemplar para o campo da arquitetura da paisagem, evidenciando que metodologias participativas e abordagens sensíveis não apenas qualificam o processo educativo, mas também fortalecem práticas democráticas de gestão e conservação dos espaços livres. A permanência e requalificação do bosque reforçam sua relevância como patrimônio socioambiental do campus e demonstram que a participação ativa da comunidade é condição necessária para assegurar a proteção e o uso socialmente orientado dos espaços livres urbanos verdejados.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo pelo apoio no desenvolvimento no processo do projeto institucional “O Bosque é Nosso”, a todos os bolsistas de graduação além das autoras (Arthur Quintão, Davi Santana, Gabriel de Oliveira, Giovana Merino, Lucas Virginio, Pedro Candido, Pietra Marcelo, Rafael Funier), às profissionais técnicas envolvidas (arquitetas e urbanistas Alessandra Iturrieta e Karina Carvalho) e ao docente Henrique Marins que auxiliou a conduzir o projeto em conjunto com as docentes autoras. Também agradecemos à comunidade escolar e externa envolvida nas ações desenvolvidas.

REFERÊNCIAS

BARROS, Giselly; CARMONA-RIBEIRO, Ana Carolina. **O BOSQUE É NOSSO! (RE)VIVA O BOSQUE** [Material de apoio]. Aula aberta ministrada no IFSP, São Paulo, junho de 2024.

GEOPORTAL. Memória Paulista, mapas temáticos de São Paulo. Disponível em: <https://www.geoportal.com.br/MemoriaPaulista/>. Acesso em: 2 dez. 2025.

INSTITUTO de Arquitetura da USP (IAU). UrbVerde – **Plataforma de Indicadores e Visualização de Dados Urbanos**. São Carlos: IAU/USP, 2024. Disponível em: https://urbverde.iau.usp.br/mapa?code=3550308&viewMode=map&type=city&year=2024&category=climate&layer=surface_temp&scale=intraurbana#@-23.5236,-46.6175,15.06z,0b,20p. Acesso em: 08 jun. 2025.

LIMA, Catharina; ALBUQUERQUE, Elaine de; LIMA, Gabriel dos Santos; WEHMANN, Hulda Erna. O direito ao (in) compressível: arte, cidade, paisagem e transformação social. **RUA**, Campinas, SP, v. 23, n. 2, p. 291–309, 2017. DOI: [10.20396/rua.v23i2.8651144](https://doi.org/10.20396/rua.v23i2.8651144). Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8651144>. Acesso em: 8 dez. 2025.

PREFEITURA Municipal de São Paulo (PMSP). **Geosampa: mapa – Mapa digital da cidade de São Paulo**. São Paulo: Prefeitura Municipal de São Paulo, 2019. Disponível em: https://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx. Acesso em: 08 jun. 2025.

PRONSATO, S. A. D. **Arquitetura e Paisagem: Projeto Participativo e Criação Coletiva**. São Paulo: Annablume; Fapesp; Fupam, 2005.



QUEIROGA, Eugenio Fernandes; CAMPOS, Ana Cecília Mattei de Arruda; LEMOS, Isabela Sollero; ALVARENGA, Daniela das Neves. Por um paisagismo popular: reflexões para a pesquisa, a práxis e o ensino de arquitetura da paisagem. **Paisagem e Ambiente: Ensaios**, São Paulo, v. 36, n. 55, 2025.

STANDERSKI, Thea. **Ventos jovens na paisagem**. 2007. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.